

LEONARDO BOFF

Teólogo e escritor

O hoje mais falta na política no Brasil e no mundo?

É inegável que atualmente vivemos num dos tempos mais dramáticos e perigosos na história da humanidade.Termos construído uma forma de organização social mundializada praticamente só sobre a racionalidade instrumental analítica. Recalcamos outras formas de racionscionalidade, especialmente a razão cordial (do amor,da sensibilidade, da solidariedade,da ética). Por isso chegamos a um ponto em que esse tipo de uso da razão tornou-se irracional. Criaram-se os meios para se autodestruir totalmente e toda a natureza que o sustenta. Os 1.300 pesquisadores em IA chamaram a atenção para o risco que ela representa para a humanidade. O principal pesquisador da plataforma Anthropic renunciou alertando:”Ela pode nos matar antes de 2030”. Graças à boa vontade,todas as Plataformas aceitaram uma moratória para pensar como evitar a loucura de uma IA.

Com sabedoria notava o Papa Francisco em sua encílica “Sobre o Cuidado da Casa Comum”(2015): O homem moderno não foi educado para o reto uso do poder porque o imenso poder tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência”(n.105).

O valor maior, aquele que possivelmente mais nos faz falta seja nas relações pessoais,sociais e internacionais é a a boa vontade. Não se constata a boa vontade para entender o outro para além das diferenças de ideias,de visões de política e de religião.Muito menos existe boa vontade,no nível da geopolítica, nomeadamente entre o Estado terrorista de Israel e os palestinos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia e

com os combatentes no sul do Líbano, sem falar da vergonhosa má vontade entre russos e ucranianos e ainda mais vexaminoso entre os Estados Unidos da América e o Irã. Não há que esquecer outros mais de 60 lugares de guerra, como terrivelmente no Congo.

Há uma frase de F.Dostoiévski que resume um grande sonho em seu conto fantástico de 1877 O sonho de um homem estranho”: “Se todos quisessem a mesma coisa, num piscar de olhos, tudo mudaria na face da Terra”.

Isso logicamente é utópico. Mas quem sabe se num dia, quando a humanidade se confrontar com a realidade concreta de que ela pode desaparecer definitivamente deste planeta, aí todos quererão a mesma coisa: salvar-se e não morrer miseravelmente.Então tudo pode mudar.

Mas quem nos deixou a melhor lição foi um dos maiores pensadores da ética Imanuel Kant (1724-1804) em sua Fundação para uma metafísica dos costumes(1785). Aí ele afirma algo verdadeóro, traduzindo livremente:”A única virtude que é irrestritamente boa e não possui em si nenhum defeito é a boa vontade. Se não fosse totalmente boa,não seria boa vontade”.Dito numa linguagem pedestre:ou a boa vontade é boa ou então não é.

Como estão as coisas,no meio da erosão da ordem mundial (desordem para as grandes maiorias) provocada pelo Presidente Donald Trump ensandecido e arrogando-se dimensões divinas, ao decidir ele o que é o bem e o que é o mal (biblicamente um dos sinais do anti-cristo), podemos esperar tudo, tudo mesmo, até o descontrolo de uma IA autônoma que não nos quer mais na Terra ou uma guerra nuclear com armas estratégicas que tudo destruiriam.A má vontade Trump de frustrar todos meios de paz torna-o um ser capaz de pôr em risco existencial toda a humanidade.

O Brasil passou por uma fase de insanidade política como jamais imaginada em nossa história. As maldades coletivas praticadas pelo presidente anterior ao atual, se

inscreve no âmbito da patologia pessoal que contaminou milhões de pessoas. Estranhamente continua a envenenar porções significativas de nossa população. Bem ensinava o sábio do Antigo Testamento:”o homem depravado provoca desgraças (os 400 mil vitimados por negar a ciência) e o violento perverte o próximo e leva-o para o mau caminho”(Provérbios 16,27-29).Assim tentou um golpe de estado para perpetuar sua política de desmontagem de tudo o que se havia penosamente construído; agora paga seu crime co-varde com a merecida prisão.Foi alguém que em nenhum momento mostrou boa vontade: não visitou sequer um hospital, zombou de quem morria sufocado por falta de ar e desprezava os mortos e os que choravam por eles.

Finalmente triunfou o bom senso do atual chefe de Estado,oxalá, a ser reeleito, que cuida de seu povo, tirando milhões do mapa da fome e criando condições para a dignidade da vida dos injustamente destituídos. Vale para ele as palavras do mesmo sábio:”Seu cuidado é como uma nuvem de chuva primaveraíl”(Provérbios 16,15).

Se a boa vontade é assim tão decisiva, então todos devemos cultivá-la e assim humanizar as relações humanas. Importa desentranhá-la nos outros, pois ela existe dentro de cada ser humano; porém hoje vem encoberta por uma camada de cinzas pelo individualismo, pelo consumismo, pela falta de sensibilidade por quem está padecendo, seja entre os humanos, seja entre nos seres da natureza,diria dos ecossistemas e da própria Mãe Terra que, pela má vontade, pende de uma cruz e clama para ser ressuscitada.

Ou optamos pela boa vontade que nos poderá salvar a todos ou valerão as advertência severas do Papa Francisco: “desta vez estamos todos no mesmo barco,ninguém se salva sozinho,ou nos salvamos todos ou ninguém se salva”.

Mas cremos e esperamos que a boa vontade ainda prevalecerá e assim se garantirá uma nova fase mais integradora entre todos os humanos, com a natureza e com o Todo.

ANDRÉ CHARONE

Contador, professor universitário e mestre em Negócios Internacionais pela Must University, na Flórida (EUA)

O iPhone de R\$ 31 mil: você está comprando um celular ou abrindo mão de patrimônio?

A Apple apresentou sua nova geração de iPhones e um número chamou atenção no Brasil: R\$ 30.999. Esse é o preço da versão mais completa do novo iPhone Duo, primeiro modelo dobrável da marca.

O valor, por si só, já rende comparações curiosas. Com R\$ 31 mil é possível comprar uma moto, pagar uma especialização, montar uma reserva financeira ou dar entrada em outros bens. Mas, do ponto de vista da educação financeira, a pergunta mais interessante não é apenas “o que dá para comprar com esse dinheiro?”.

É: do que você está abrindo mão ao gastar esse valor? Na economia, isso é chamado de custo de oportunidade. Toda vez que usamos dinheiro para uma finalidade, automaticamente deixamos de utilizá-lo em outra. E essa lógica vale para qualquer compra.

O parcelamento, porém, costuma esconder essa percepção. Um produto de R\$ 30.999 pode parecer muito mais acessível quando aparece dividido em 12 parcelas. O consumidor passa a se perguntar se a prestação “cabe no orçamento”, quando deveria também considerar o custo total da decisão.

Esse é um dos grandes desafios do consumo atual: olhar apenas para a parcela e não para o patrimônio que está sendo comprometido. Isso significa que comprar um celular de R\$ 31 mil é necessariamente uma decisão ruim? Não.

Educação financeira não deve servir para demonizar o consumo. Dinheiro também existe para proporcionar conforto, lazer, tecnologia e experiências.

Para alguém com renda e patrimônio elevados, um aparelho desse valor pode representar uma despesa perfeitamente administrável.

O problema começa quando o desejo de acompanhar lançamentos cresce mais rápido que a capacidade financeira.

Se a compra exige esvaziar a reserva de emergência, assumir dívidas, comprometer boa parte da renda mensal ou abandonar objetivos mais importantes, o custo real do aparelho se torna muito maior do que aquele mostrado na loja.

Produtos de luxo e tecnologia também carregam componentes de status, novidade e pertencimento. Quem compra o lançamento não está pagando apenas por câmera, tela ou processador. Está pagando também pela experiência de ter o que há de mais novo. E não há nada de errado nisso, desde que a decisão seja consciente.

Antes de uma compra de alto valor, três perguntas ajudam bastante: quanto isso representa da minha renda? Quanto representa do meu patrimônio? E do que vou precisar abrir mão para comprar?

O novo iPhone pode custar R\$ 30.999 na loja, mas, para cada consumidor, o verdadeiro preço é aquilo que ele precisa deixar de fazer com esse dinheiro.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre em Gestão e Políticas Públicas pela FGV

Melhor não comentar

No domingo, duas semanas depois de eu publicar “Não tenho nada contra o álcool. Ele é que tem contra mim”, um amigo me perguntou se eu tinha certeza de que fiz a coisa certa. Ele falava da coluna em que escrevi, logo na primeira linha, que sou alcoólatra e estou em recuperação.

Perguntei por que ele achava que eu poderia ter errado. A resposta foi direta: as pessoas comentam, o diagnóstico fica associado ao meu nome e isso pode comprometer minha reputação e minha empregabilidade.

Não considerei a preocupação absurda. Antes de enviar aquela coluna ao editor deste jornal, fiquei balanceado. Também tive dificuldade de nomear a doença de maneira clara, sem floreios. Tentei escrever de um jeito, depois de outro, até finalmente conseguir.

Meu amigo não tentou me diminuir. Tentou me proteger de um preconceito que ele sabe que existe. E pode estar certo ao imaginar que alguém lerá aquela coluna e

passará a me considerar menos capaz para exercer uma função. O problema começa justamente aí.

Estar em tratamento deveria indicar que uma pessoa reconheceu uma doença e decidiu cuidar dela. No entanto, quando se trata de alcoolismo, dependência química ou de outras doenças mentais, o tratamento pode se transformar em suspeita. O diagnóstico chega antes do currículo, da experiência e de tudo o que aquela pessoa é capaz de fazer.

Por isso tanta gente adoece em silêncio ou evita buscar ajuda. Não necessariamente porque tenha vergonha da doença, mas porque conhece o preço que pode pagar se os outros souberem. No ambiente de trabalho, dizer que faz tratamento ainda pode significar deixar de ser visto como profissional para ser observado como um risco.

O preconceito não escolhe só a doença — escolhe também a frequência com que ela aparece.Em grandes empresas por onde passei, vi amigos se tornarem “problemáticos” depois de precisarem se afastar do trabalho mais de uma vez no mesmo ano.

O estigma escolhe também o cargo. Numa empresa em que trabalhei por anos, funcionários que entravam de licença médica — por depressão, burnout ou outras causas — eram, quase sempre, expostos. Diretores, no máximo, tinham uma “estafa”. Pelo menos era isso que chegava à equipe.

Reconheço o privilégio de trabalhar em um lugar onde uma questão como essa não é um problema. Também tenho um chefe que me apoia. Mas sei que essa não é a realidade de muita gente. Não tenho vergonha daquilo que faz parte da minha história, nem acho que precise transformar minha intimidade em assunto permanente. Não sou um outdoor ambulante.

Também não escrevo sobre isso para convencer ninguém a expor um diagnóstico. Cada pessoa sabe o que pode e o que deseja tornar público.

Talvez por estudar saúde mental há tantos anos, encare com naturalidade qualquer diagnóstico que alguém compartilhe comigo. Faço sempre um exercício simples: penso que poderia ser eu.